

... continuo com *Os Maias*, essa vasta *machine*, com proporções enfadonhamente monumentais de pintura a fresco, toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã, e que me há-de talvez valer o nome de Miguel Ângelo da sensaboria. Mas enfim!

Carta a Oliveira Martins - Angers, 10 de maio de 1884

(...) trabalhava com grande esperança, dia e noite, os *Maias* estavam um robusto e nédio livro em dois volumes, um verdadeiro *éclat* para o burguês. Uma das condições é que apenas eu começasse a fazer a cópia, iria remetendo os capítulos um a um, e as provas me seriam *logo remetidas sem demora*. Você sabe que isto é indispensável ao meu processo de trabalho. E o Sr. Tomás Sequeira escreveu-me dizendo que tudo estava pronto, à espera do original, e a imprensa impaciente!

Remeti os dois primeiros capítulos, enormes setenta páginas de impressão. E esperei ansiosamente as provas. Passaram quinze dias, um mês, dois meses, três meses. Nada! Comecei a inquietar-me e (idiota!) remeti o terceiro capítulo, outras trinta páginas de impressão. Recomecei a esperar: passaram-se quinze dias, um mês, mês e meio. Nada! (...)

Pode Você imaginar, o espanto e a melancolia, em que estou – vendo que o ter sacrificado a *Capital*, os interesses que me fazia o Chardron e quase um ano de trabalho, incessante – recebo em paga, desconsideração, desprezo e a destruição de muitas esperanças. É duro.

Carta a Ramalho Ortigão - Bristol, 20 de fevereiro de 1881

A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez a Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da Vida Portuguesa*. É necessário acutillar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir *as falsas interpretações e falsas realizações* que lhes dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo?

Carta a Teófilo Braga - Newcastle, 12 de março de 1878

Os *Maias* saíram uma coisa extensa e sobrecarregada, em dois grossos volumes! Mas há episódios bastante toleráveis. Folheia-os, porque os dois tomos são volumosos de mais para ler. Recomendo-te o começo, as primeiras 100 páginas; certa ida a Sintra; as corridas; o desafio; a cena no jornal *A Tarde*; e sobretudo o sarau literário. Basta ler isso, e já não é pouco. Indico-te, para não andares a procurar através daquela imensa massa de prosa.

Carta a Oliveira Martins - Bristol, 12 de junho de 1888

Muito me alegrou que V. gostasse dos *Maias*. E algumas das observações que sobre ele faz são excelentes, e daquelas que não devem ficar inéditas. O artigo do Fialho – *est tout à côté*. Quero dizer – dá grandes golpes, mas que caem ao lado do livro e fora do livro – nenhum sobre o livro. Criticar o livro, como ele faz, não pelo que ele é mas pelo que devia ser – é ridículo. (...) Dizer que são uniformes os personagens dum livro que procura retratar uma sociedade notável *pela sua uniformidade*, e por lhe faltarem justamente os tipos de destaque e de alto relevo – é uma *piètre* observação. E condenar um escritor, como caluniador e maldizente, porque ele revela os ridículos do seu país – é declarar *maldizente* toda a literatura de todos os tempos, que toda ela tem tido por fim fazer a crítica dos costumes, pelo drama, a poesia, o romance, e até o sermão! *Aliquando dormitat bonus Fialhus*.

Carta a Mariano Pina - Londres, 27 de julho de 1888

Couces e berros, sobretudo de espanto. Porque enfim, eu tudo podia esperar do seu espírito, tão impressionável e ardente, menos essa atitude de pudicícia e de magoado patriotismo. O que era com efeito de esperar, dada a sua índole e os seus escritos, era que V. criticasse o livreco, sob o ponto de vista do próprio livreco (...). Mas vê-lo de repente surgir no campo inimigo, com uma sobrecasaca séria de conselheiro de Estado, gritando – «Em Lisboa não se deve tocar! Tudo aqui é puro, belo e grande. Vergonha ao maldizente que ouse rir da cidade incomparável, *perfectissima Urbs!*» – eis o que verdadeiramente me assombrou! Porquê tão singular mudança? Ó Fialho, foi V. eleito director-geral dum banco? (...) Que interesse supremo o fez aliar-se ao conselheiro Acácio? Está V., por acaso, apaixonado pela mulher de Acácio, e finge-se assim pudico, ordeiro e patriota, para lisonjear o benemérito e cornudo homem?... (...) Nessa sua Crónica sobre *Os Maias*, Fialho, há uma mulher!

Carta a Fialho de Almeida - Bristol, 8 de agosto de 1888

Assim diz V. que os meus personagens são copiados uns dos outros. Mas, querido amigo, uma obra que pretende ser a reprodução duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo, e sem saliências (como a nossa incontestavelmente é) – como queria V., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus tipos tivessem o destaque, a dissemelhança, a forte e crespa individualidade, a possante e destacante *personalidade*, que podem ter, e têm, os tipos duma vigorosa civilização como a de Paris ou de Londres? V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras diferenças que não sejam o nome e o feitio do nariz? Em Portugal há *só um homem* que é sempre o mesmo ou sob a forma de dândi, ou de padre, ou de amanuense, ou de capitão: é um homem indeciso, débil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir*: sem mola de carácter ou de inteligência, que resista contra as circunstâncias. É o homem que eu pinto – sob os seus *costumes* diversos, casaca ou batina. E é o português verdadeiro. É o português que tem feito este Portugal que vemos.

Carta a Fialho de Almeida - Bristol, 8 de agosto de 1888